

BANAGGIA, Gabriel. 2015. *As forças do jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: Garamond. 343 p.

Noshua Amoras de Morais e Silva

Mestranda em Antropologia Social

PPGAS Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro

noshua.amoras@gmail.com

Como seguir os caminhos traçados por pessoas, entidades, histórias, lugares, coisas, eventos? Ou ainda, como seguir os efeitos e propagações que esses movimentos provocam? É partindo desse desafio que o livro assinado por Gabriel Banaggia, *As forças do jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina*, se desenrola. O trabalho propõe-se uma etnografia com o objetivo de “produzir um sistema de referências [teóricas] fundado na experiência etnográfica” (: 16). Para tanto, Banaggia se baseia em um trabalho de campo de aproximadamente um ano, durante o qual procurou acompanhar as pessoas participantes – de diferentes modos e intensidades – do culto do jarê, religião de matriz africana presente exclusivamente na Chapada Diamantina.

Ao fazer tal opção teórico-metodológica, o autor realiza uma etnografia inovadora que está em consonância tanto com temas já consolidados na antropologia, e mais especificamente aqueles do campo das religiões de matriz africana – como sistemas rituais, relações entre o dom e a iniciação, crença, cromatismo das entidades, força dos entes - quanto com aqueles que, por vezes, costumam ser contornados ou evitados em grande parte da bibliografia sobre o tema, como o racismo contra o povo negro. Dessa forma, o autor consegue lidar com “grandes problemas” sem colocá-los em esquemas pré-estabelecidas do que seja “global” ou “local”. Ou seja, ele trata de “grandes questões” (política, racismo, possessão, ontologia), constituindo-as e conceitualizando-as a partir da própria realidade etnográfica.

A narrativa do livro acompanha a proposta do autor, se organizando em quatro capítulos que, como diz Banaggia, simula uma andança – conceito fundamental entre as pessoas da Chapada Diamantina-, uma caminhada pelo universo do jarê, realizada tanto pelo próprio antropólogo em campo quanto pelas leitoras e leitores, fazendo de nós também um pouco *viajantes* (: 29).

Os dois primeiros capítulos que abrem o livro, intitulados respectivamente “Pisar” e “Dançar”, apresentam a cidade de Lençóis, sua história, topografia e atividades econômicas. Ao fazer tal descrição, mais do que contextualizar o jarê, Gabriel Banaggia procura

ressaltar a importância que a cidade tem para seus amigos, entre os quais é consenso que uma das diferenças marcantes entre quem é da cidade e quem é de fora se manifesta no conhecimento (e reconhecimento) da história de Lençóis. Dessa forma, para além de recorrer aos dados historiográficos oficiais para nos situar naquele lugar, o autor confronta tais dados com as narrativas nativas sobre a cidade e seus eventos históricos, destacando as atualizações produzidas “contínua e criativamente” pelas pessoas em seu cotidiano (: 17). É a partir de tais atualizações, ou “reativações constantes do passado” (: 111, nota 183), como define o autor, que ele faz uma etnografia do jarê contemporâneo.

Nesse sentido, a exclusividade do jarê na região da Chapada Diamantina está conectada à história da região – uma historiografia distinta, ligada especialmente ao ser negro em Lençóis, no passado e no presente – ressaltando-se, ainda, como o chão, a terra e o solo têm papel fundamental no universo do jarê: caminhar e andar faz parte de conhecer a cidade, os longos caminhos percorridos para chegar até as casas de culto, os roçados que estabelecem essas mesmas casas, as forças emanadas pela terra. Essa relação é definida pelo autor como uma “metafísica telúrica” própria do jarê (: 173).

Ainda no capítulo dois, Banaggia segue os passos de seus amigos nos diversos mundos que eles mobilizam, descrevendo como práticas e tradições próprias da cidade (como a marujada, quadrilha, folia de reis, lamentação das almas; além de outras religiões) coexistem de diversas maneiras com o culto do jarê. Assim, é acompanhando a comunidade que circula por entre as casas de culto que o autor inicia a descrição do jarê propriamente dita. Ele tece uma detalhada narrativa dos principais lugares por ele frequentados, narrando as festas e os locais, dias e durações de suas realizações; as vestimentas das pessoas e das entidades; as delicadas dinâmicas de relação entre os adeptos; as motivações e/ou obrigações das pessoas para realizarem jarês; além dos processos de cura, sacrifícios e outros rituais, que fazem parte do dia a dia dos pais-de-santo; os processos de incorporação impulsionados pelas músicas e cantigas. Todos estes temas são retomados e desenvolvidos paralelamente durante o restante do livro.

No capítulo “Tombar”, Banaggia mostra como a questão da continuidade das casas de culto e algumas práticas de registro, seja as realizadas pelos adeptos seja por processos de patrimonialização, estão imbricados em um registro próprio e específico da memória e da transmissão de conhecimento no jarê. Ao apresentar a biografia de Pedro de Laura, que fora um dos maiores líderes do culto em Lençóis, o autor enfoca os movimentos de fluxos e substâncias do jarê e como estes são manejados e canalizados. O conhecimento no jarê, sua “ciência”, é uma forma de potência manejada a partir da força de cada adepto, e consiste na destreza, isto é, na capacidade de imprimir invenções e inovações de modo a potencializar seus efeitos. A capacidade de obter conhecimento passa, portanto, pela habilidade tanto de *apreender* quanto de manejar o que se *apreende* (: 224).

Os pais-de-santo e curadores são os que, por meio de rituais, lidam de maneira mais direta com as entidades, sendo responsáveis por boa parte da canalização dessas forças em processos de cura e iniciação. Nesse registro, resalta-se que procedimentos como a sucessão, ou mesmo a iniciação ou cura de alguém, mobiliza uma economia de trocas energéticas que, como todo manejo dessa ordem, possui um perigo que lhe é intrínseco. Isto porque a relação entre diferentes lócus de forças porventura pode provocar um curto circuito no balanço entre elas.

O derradeiro capítulo, “Levantar”, vai falar sobre as forças em ação no jarê, e como elas são cuidadosamente manejadas para provocarem certos efeitos, esperados ou não. Gabriel Banaggia nota como o mundo e todos os seres que nele habitam, segundo os adeptos do jarê, “são resultado da aplicação de forças específicas e do empreendimento de alguma espécie de trabalho por parte de seres que, eles próprios, são também forças” (: 283). Partindo de um mundo de existência plena, gerado a partir da ação originária dos caboclos, o autor afirma que as gradações de forças exercidas pelos elementos (e que, dessa forma, se fazem presentes no mundo) se configuram a partir da distância, maior ou menor, que se tem das entidades. Tal gradação varia, como indicado, por meio da *confiança* (que consistiria na atenção, interesse e reverência) disposta pelos adeptos do jarê aos próprios entes.

O papel dos terreiros de jarê, e dos seres humanos e não humanos neles engajados, é justamente “redirecionar, literalmente através de suas ações, determinados fluxos capazes de enfraquecer ou revitalizar certos entes do mundo” (: 253). Consistindo em uma “relação proporcional e recíproca entre, por um lado, a intensidade das forças que constituem um ser e, por outro, sua capacidade de colocá-las em ação para obter determinados efeitos” (: 282), há, portanto, a necessidade de um esforço, um *trabalho*, para criar uma harmonia. O *trabalho* é difícil, pois as forças do jarê estão (e devem estar) em constante agitação, circulação, em suma, em movimento; e o objetivo é justamente criar uma contínua concentração direcionada por meio dos processos rituais do culto.

As forças, neste livro, são tomadas segundo a acepção nativa enquanto movimentos provocados e motivados também pela ação de outras forças. Anunciado desde o início do livro, os movimentos estão presentes tanto no cotidiano quanto nos momentos ritualísticos do jarê: “Força é possivelmente um dos termos mais utilizados para se falar a respeito de inúmeras realidades, sendo simultaneamente um elemento constitutivo dos seres [...] e uma de suas propriedades, responsável por dar origem (ou término) a movimentos e transformações.” (: 282). Os amigos de Banaggia afirmam que no jarê “nada está garantido” (: 245), e então é necessário manejar as forças, seja contendo-as ou impulsionando-as, mas sempre as mantendo em constante movimento.

Um dos principais objetivos do livro, me parece, é adentrar o universo do jarê considerando tanto as dimensões ritualísticas desse culto quanto o cotidiano de um coletivo de pessoas nos momentos não necessariamente ligados aos ritos religiosos. A partir daí, Gabriel Banaggia experimenta uma narrativa cuidadosa que procura – e acredito que consegue – falar de uma religião de matriz africana que não se localiza no litoral, local tradicionalmente privilegiado de estudos antropológicos de religiões e cultos dessa matriz. Ao fazê-lo, Banaggia se nega a reproduzir alguma forma *a priori* do que seja algum tipo de religião ou culto ideal, sem se furtrar a realizar comparações e desestabilizações com outros contextos de religiões da mesma matriz, fazendo-as com grande destreza. Nesse sentido, ele trata o jarê enquanto uma variação dentro de um sistema de transformações (ao qual ele chama de “religiões de matriz africana”) – variação esta que não é somente um “exemplo”, mas que, como toda variação – já dizia Lévi-Strauss – é fundamental para compor e transformar o próprio sistema.

Recebido em 21 jul. 2017.

Aceito em 30 ago. 2017.